

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE DANÇA – BACHARELADO

Marina Leal da Silva

MEU CORPO-MEMÓRIA: TRAJETOS PRESENTES

Santa Maria, RS
2021

Marina Leal da Silva

MEU CORPO-MEMÓRIA: TRAJETOS PRESENTES

Trabalho de Pré-projeto de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Dança, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do grau em **Bacharelado em Dança**.

Orientador: Prof. Dr. Flávio de Campos Braga

Santa Maria, RS
2021

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Zilda Marileide Santos Leal e Rogério Joaquim da Silva, que sempre me acompanharam e incentivaram todas as fases dessa caminhada.

À minha professora Alline Fernandez, que abriu os caminhos para que eu me tornasse bailarina, proporcionou experiências e aprendizados diários.

À minha amiga e professora Pâmela Ferreira, por todo apoio durante minha formação artística.

À Itauana Giongo, parceira de vida, que me acolheu e deu suporte em todo processo do TCC, e em muitos momentos importantes durante o ano de 2020.

Ao meu orientador e professor Flávio Campos, por me apresentar novas possibilidades de pensar e fruir dança/vida.

Aos meus colegas de turma, que com certeza construíram este trabalho junto comigo.

À equipe técnica que esteve comigo no dia da gravação da minha vídeodança.

A todos os meus amigos, que fizeram dessa caminhada muito mais leve e bonita.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Maria pela oportunidade de fazer parte do meu crescimento pessoal e profissional.

Brincando com a vida

Buscando sentido

Nenhuma resposta

Muitas perguntas

Movida pelas descobertas preciosas

Fazer pelo novo mundo

Continuar

Seguir

Caminho

Da autora

RESUMO

MEU CORPO-MEMÓRIA: TRAJETOS PRESENTES

AUTOR: Marina Leal da Silva
ORIENTADOR: Flávio de Campos Braga, Prof. Dr.

Busco neste trabalho revisitar experiências vividas que marcaram meu corpo desde o período da infância. Através de um memorial, trago quatro momentos que considero de grande importância na minha constituição como artista, compreendendo as afetações e transformações que continuam reverberando em meu corpo até hoje.

Sobretudo, este trabalho também se baseia nas leituras que foram realizadas sobre a história de Pina Bausch, seus estudos sobre o método de perguntas e respostas no processo de criação das cenas.

A fim de ter melhor compreensão e tornar-me consciente dos trajetos percorridos, faço o exercício de resgatar memórias e ressignificá-las. Conto sobre os aprendizados e o meu processo de crescimento nesta trajetória de formação em dança.

Palavras-chave: Experiência. Trajetória. Corpo-memória. Residência Artística. Criação.

ABSTRACT

MY MEMORY-BODY: PRESENT PATHS

AUTHOR: Marina Leal da Silva
ADVISOR: Flávio de Campos Braga, Prof. Dr.

In this work, I seek to revisit lived experiences that have marked my body since childhood. Through a memorial, I bring four moments that I consider of great importance in my constitution as an artist, understanding the affectations and transformations that continue reverberating in my body until today.

Mainly, this work were also based on the readings that have been done on the story of Pina Bausch, her studies on the questions and answers method in the process of creating the scenes.

In order to have a better understanding and become aware of the paths traveled, I do the exercise of rescue memories and resignify them. I tell about the learnings and my process of growth in this trajectory of dance formation.

Key words: Experience. Trajectory. Memory-body. Artist Residency. Creation.

FIGURAS

Figura 1 - Período da infância	9
Figura 2 – Período da adolescência.....	10
Figura 3 - Durante a graduação	12
Figura 4 - Residência Artística com Eddie Martinez em 2018	14
Figura 5 - Envoltura na minha trajetória	22
Figura 6 - Vazios, medos e inseguranças	23
Figura 7 - Compreensão do meu corpo-memória.....	24
Figura 8 - Memórias presentes.....	25
Figura 9 - Cartaz de divulgação	27

SUMÁRIO

1. MEMORIAL	8
1.1. Infância, o ser criança negra	8
1.2. Adolescência, novas descobertas	9
1.3. Transição capilar, durante a graduação	11
1.4. Residência Artística com Eddie Martinez	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1. PROCESSO IMERSIVO-CRIATIVO EM RESIDÊNCIA ARTÍSTICA	15
3. METODOLOGIA	18
4. CORPO-PAUSA	19
5. VIDEODANÇA	20
5.1. Entre caminhos e presenças	21
5.2. Primeira parte da vídeodança	22
5.3. Segunda parte da vídeodança	23
5.4. Terceira parte da vídeodança	24
5.5. Quarta parte da vídeodança	25
6. CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	29

1. MEMORIAL

Este trabalho é estruturado em forma de memorial, o qual falo de 4 períodos que considero mais marcantes na minha vida. Trago também minhas percepções e reflexões sobre cada uma dessas fases, percebendo as impressões que causaram em meu corpo.

Desde pequena a dança esteve muito presente na minha vida. Durante essa trajetória dançante, tive diversas experiências, como a oportunidade de me apresentar em diferentes palcos, participar de inúmeros festivais, conviver com muitas pessoas e aprender vários modos de dançar. Estar em cena é, além de ser uma prática de aprendizagem do ser artista, a maneira mais sincera e prazerosa que encontrei de me relacionar e expressar no mundo.

1.1. Infância, o ser criança negra

Minha infância, ainda que tenha sido um período saudável, já era marcada pelo racismo. Minha cor me lembrava todos os dias que eu era diferente da maioria das pessoas que tinha contato, fazendo com que quase sempre houvesse uma exclusão nos espaços que frequentava.

Desde pequena estive envolvida com o carnaval e o samba, isso me permitiu encontrar nessas festividades um espaço de liberdade e expressão.

Aos 5 anos de idade, comecei a fazer aulas de balé clássico. Um ano depois saí do balé e comecei a fazer patinação artística, esporte que me trouxe muitos aprendizados, contribuindo para meu desenvolvimento artístico e pessoal.

Compreendo que, desde este momento da minha vida, a dança tornou-se essencial no meu crescimento até os dias de hoje, fazendo-se imprescindível no meu corpo-memória como ser artista.

A partir de um exercício cartográfico, traço linhas e caminhos relacionando momentos marcantes da minha infância.

Abaixo, na Figura 1, apresento este meu processo antes de ingressar no curso de Dança, assim, demonstro o período da infância e da adolescência, no qual a dança e os esportes artísticos eram presentes. Naquele tempo, o meio

que encontrava como forma de comunicação e expressão era através do movimento corporal (dança, ginástica rítmica, patinação artística e escola de samba).

Figura 1 - Período da infância



Imagem criada por mim, em setembro de 2020. Fonte: Autora.

Acima, na Figura 1, é perceptível que desde pequena a dança esteve muito presente na minha vida. Durante essa trajetória dançante, tive diversas experiências, como: a oportunidade de me apresentar em diferentes palcos, participar de inúmeros festivais, conviver com muitas pessoas e aprender vários modos de dançar.

Estar em cena é, além de ser uma prática de aprendizagem do ser artista, a maneira mais sincera e prazerosa que encontrei de me relacionar e expressar no mundo.

1.2. Adolescência, novas descobertas

Por volta dos meus 10 anos de idade, dou início aos procedimentos de alisamento do meu cabelo crespo. Lembro-me que ainda muito pequena, tinha o sonho que meus cabelos fossem longos, lisos e tivessem balanço. A partir disso, cada vez mais ficava distante da minha identidade negra e de minhas raízes.

Neste mesmo período, comecei a fazer aulas de dança e ginástica rítmica na escola que estudava, lá tive acesso a outros estilos e técnicas de dança, tendo contato principalmente com a Dança Jazz, Dança Contemporânea e Ballet Clássico.

Ainda lembro o meu sentimento de prazer por dançar, a cada dia que ia nas aulas, tinha mais certeza que aquele era o lugar que queria estar. Fazíamos aulas, dançávamos coreografias e viajávamos para festivais. A partir daí, percebi que o palco era um lugar que podia ser eu mesma e expressar o que sentia com muita intensidade.

Toda a minha adolescência teve muita dança, e ela com certeza foi além de tudo, uma ferramenta que me auxiliou no crescimento e na maneira que me relacionava com o mundo. Foi então que mais tarde decidi que iria prestar o ENEM para Dança-Bacharelado na UFSM.

Na Figura 2, apresento um retrato do ano de 2016. Tratasse de um período que antecedeu meu ingresso na graduação em Dança. Nessa época, tinha um olhar diferente sobre mim e sobre algumas questões que me atravessavam, como por exemplo: a falta de conhecimento sobre a minha identidade negra; e a não aceitação das minhas características naturais.

Figura 2 – Período da adolescência



Ensaio fotográfico realizado em fevereiro de 2016. Foto: Rodrigo Ricordi.

Neste período da minha vida, apresentado acima na Figura 2, é perceptível que buscava me encaixar em padrões pré-estabelecidos. Fazia procedimentos para alisar meu cabelo, na tentativa de estar mais próxima a uma estética branca.

1.3. Transição capilar, durante a graduação

Durante a graduação experimentei e conheci novas formas de olhar e fazer dança. Foi quando me relacionei também, com diferentes pessoas e conheci diversas práticas corporais que ignorava até então.

Além disso, a graduação em Dança me permitiu um autoconhecimento e um maior entendimento de todas as questões que me atravessavam e atravessam ainda hoje. Foi a partir desse contato que dei espaço em mim mesma, para um olhar mais atento e para um processo de aceitação da minha identidade negra.

As mudanças que estavam acontecendo, tanto no que diz respeito aos fluxos internos, como no que diz respeito ao movimento, mostraram-se pertinentes em meus comportamentos e em meus processos psicofísicos de modo integrativo.

Nas disciplinas de “Danças do Brasil II e III”, a partir do trabalho com aspectos do eixo “Inventário no corpo do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI)”, foi que essa investigação sobre minha história e ancestralidade ficou mais profunda. Durante estes dois semestres do ano de 2017, fui me descobrindo e permitindo olhar para o meu corpo com mais cuidado, sinceridade e aceitação.

No início do ano de 2018, ainda no período de férias, tomei a decisão de parar de alisar o cabelo e passar pela transição capilar. Inicialmente, fiz a escolha de colocar tranças para passar pela transição, fiquei uns dias, e logo depois tirei. Tentei cortar aos poucos meus cabelos, na medida que ia crescendo, para tirar as partes lisas e deixar crescer a parte natural, mas logo desisti.

Foi então, que tomei coragem e decidi cortar toda a parte lisa do meu cabelo. Sem pestanejar, passei a máquina e deixei bem curtinho. Foi um momento muito marcante para mim, como se ali eu não estivesse mais os medos e as inseguranças que me impediam de estar mais próxima do que eu

acreditava. Olhei-me no espelho de cabelo natural e raspado, e me senti forte, corajosa e livre.

Entendo, também, essa escolha, como um ato de amor a mim mesma, a minha história, ao meu corpo-memória de ser.

Na Figura 3, apresento um pouco das minhas experimentações, vivências e processos durante a graduação.

Figura 3 - Durante a graduação

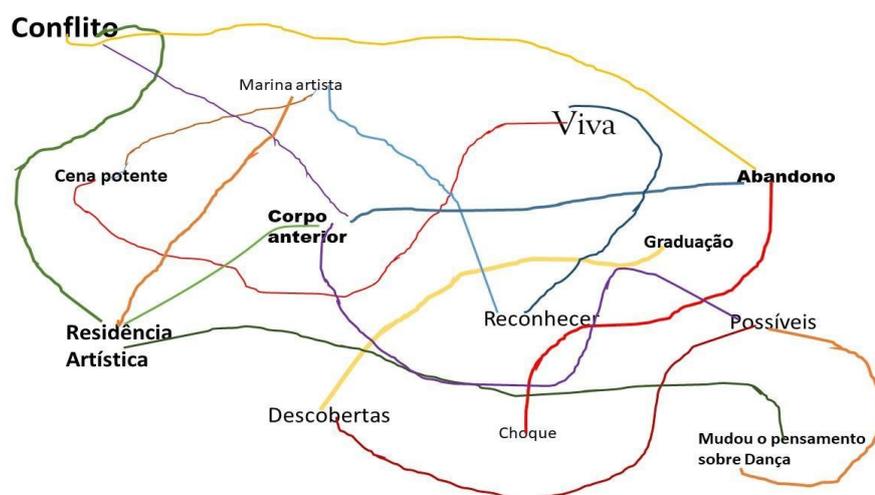


Imagem criada por mim em setembro de 2020. Fonte: Autora.

Na Figura 3, demonstrada acima, foi o momento em que passei a enxergar a dança e o meu corpo de uma maneira mais aberta e disponível. Com isso, passei a conhecer outras possibilidades e diferentes perspectivas sobre meu corpo e a maneira de corporificar meu movimento.

1.4. Residência Artística com Eddie Martinez

No sexto semestre da graduação (ano de 2018), investi na minha participação em uma residência artística com foco no desenvolvimento de um processo de criação em dança-teatro.

Essa residência foi conduzida e dirigida por Eddie Martinez, bailarino da reconhecida companhia alemã *Wuppertal Pina Bausch*. A residência ocorreu na Universidade Federal de Santa Maria e foi promovida pelo FLOEMA – Núcleo de Estudos em Estética e Educação, coordenado pelo professor Marcelo de Andrade Pereira, e seus vários parceiros.

Passar pela experiência de viver um processo imersivo durante um mês, ao lado de mais dezessete bailarinos, com certeza foi um grande marco na minha trajetória artística. Participar da residência foi de tamanha importância para mim, principalmente, por poder mergulhar na convivência diária com artistas distintos.

Além disso, vale ressaltar, que foi valioso acompanhar os mais diversos processos de inspirações, trocas e prática do criar diário, sem limites. Eram muitos os momentos exaustivos, o cansaço pela rotina de criação tão intensa e visceral. Mas Eddie, como um bom diretor, sempre conseguia fazer com que nos desafiássemos cada vez mais. Ter experienciado a residência, também me trouxe o movimento de um olhar mais atento para mim, para as questões pessoais e identitárias. Tais temas, naturalmente, tornaram-se por diversas vezes, disparadores em minhas criações.

Com isso, posso dizer que a imersão, foi e é de grande contribuição na minha constituição como bailarina-pesquisadora até o momento. A partir dela, aproprio-me, modifico e atualizo meus jeitos de criar-fazer-apresentar dança. Na residência me vi nua, parte e artista.

Hoje consigo enxergar porquê esta experiência me sentia tão viva, tão nutrida, tão forte. Acredito que vivenciar a residência tenha sido tão significativo, não apenas por ter a oportunidade de ser dirigida pelo Eddie, mas principalmente por estar em coletivo, pela troca por longas horas com diferentes pessoas.

Minha criação não era só minha, nem o contrário. Nós, residentes, criávamos juntos, por mais que, muitas vezes sozinhos. A relação direta com estas pessoas transformou meu olhar sobre dança, a convivência, e com isso, a criação na sua maioria das vezes fluía de maneira orgânica. Foi sobre respirar inspiração o tempo inteiro.

O espaço que esta experiência abriu e abre em mim, também é sobre reconhecer-me, enxergar de maneira mais palpável minha história e ancestralidade, e fazer disso material cênico.

Na Figura 4, apresento a fotografia de uma cena criada na residência artística, no ano de 2018. Essa criação surgiu a partir de uma das proposições de Eddie.

A proposta era que a cena iniciasse desde o momento de entrada do bailarino no espaço, até o momento de saída do espaço estabelecido como lugar

de apresentação das cenas. A residência me proporcionou viver muitas descobertas e desafios, tornando-se um marco na minha trajetória artística.

Figura 4 - Residência Artística com Eddie Martinez em 2018



Cena criada na Residência Artística em novembro de 2018. Fonte: Rogério Lima.

Assim, na Figura 4, trago uma foto da experimentação do método de criação em Dança-teatro, o qual potencializou processos de mudanças em relação a meu ser mulher, negra e artista. Esse processo, permitiu-me acessar de maneira mais profunda questões sobre minha identidade e existência.

Com este memorial percebo como cada um desses momentos foram fundamentais e imprescindíveis para minha constituição como mulher-negra-artista.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico, baseia-se nas leituras que foram realizadas sobre a história de Pina Bausch, os estudos sobre o método de perguntas e respostas no processo de criação das cenas. Assim como, a experiência e vivência na Residência Artística em Procedimento de Criação em Dança-Teatro com Eddie Martinez.

2.1. PROCESSO IMERSIVO-CRIATIVO EM RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

Durante o processo imersivo na residência artística, conduzida por Eddie Martinez, no ano de 2018, nós, bailarinos participantes, deparamo-nos com muitos desafios em nossos processos criativos diariamente.

Eddie, direcionava-nos a partir de perguntas e proposições, por vezes deixava as indicações mais livres, sem restringir, e às vezes nos oferecia um maior direcionamento. Eram criações individuais e também coletivas, na medida que as perguntas eram feitas, os bailarinos respondiam, tanto através do gesto, do canto e/ou da dança. Eram muitas as possibilidades e os caminhos que íamos descobrindo durante os processos de criação e também, durante a experiência de responder as perguntas de Eddie, sempre surgia algo novo.

Eddie tinha, sobretudo, a intenção de nos tirarmos da zona de conforto, romper os limites estabelecidos, ir além dos repertórios já existentes em nossos corpos. Colocávamo-nos em cena sempre como pessoas que dançavam e não apenas como bailarinos. A cada resposta diferente, tínhamos a oportunidade de mostrar cada vez mais quem éramos, sem a ideia de representar alguém ou alguma coisa.

Os dias passavam, as perguntas aumentavam, o grupo ia entrando em conexão mais profunda. Nossas danças inconscientemente se relacionavam, se cruzavam e se inspiravam. Estávamos todos respirando o prazer e o conflito da imersão.

No estudo que descreve e discute a edição anterior a essa residência, dirigida pelo mesmo bailarino, no ano de 2015, os autores apontam para o diferencial da criação dada em momentos imersivos.

O criado, no contexto da residência artística, resulta, assim, como produto daquele encontro em particular, do encontro daqueles próprios que constituiu um espaço em comum; e esse espaço em comum delimitou um espaço próprio (PEREIRA, 2017 p. 65).

Segundo Ciane Fernandes (2017), no método de Pina os bailarinos são convocados, um a um, para ir à frente, expor suas frases e gestos, como forma de compartilhar e serem compreendidos pelos demais integrantes da Cia. Sendo assim, as cenas se constituem da exploração das experiências pessoais e individuais, tanto na forma, quanto no conteúdo. Os estímulos são as perguntas/palavras, mas “a tarefa real do exercício é traduzi-las em linguagem corporal pessoal e social”.

Durante a residência, pude evidenciar questões sobre o método, apresentadas na literatura, como por exemplo: a não separação do processo criativo com o produto final, sendo ambos marcados pela repetição e transformação das histórias pessoais dos bailarinos em contínuo processo de construção das cenas.

Ao final dos trinta dias de residência, apresentamos uma mostra intitulada “Uma casa de poesia”, a partir da colagem de cenas escolhidas por Eddie, na última semana do processo imersivo.

Contudo, experienciar esta vivência, foi e é, de grande contribuição em meu processo de construção como artista-pesquisadora em dança. As repetições transformam e constroem não só as cenas, como também, o meu ser artista. Fazendo com que as perguntas-respostas sigam se movimentando em mim.

Sendo assim, apresento perguntas que surgiram durante este transcurso investigativo, que são:

- Por quais caminhos o meu corpo ainda pode percorrer?
- Por que a experiência na residência artística foi tão marcante na minha trajetória como artista?

- Considerando todo o meu percurso, antes de ingressar e na graduação em Dança, como passo a perceber a importância que minhas experiências anteriores à residência, prepararam-me para vivenciar este processo imersivo de uma forma mais aberta e disponível?

3. METODOLOGIA

A abordagem de pesquisa proposta para tencionar meu questionamento e meu fazer em dança, corresponde a um modo de perceber a pesquisa em artes/dança, onde o processo e o estar na experiência do estudar se sobrepõem à necessidade de resultados, sem excluí-los. Segundo Mônica Ribeiro (2013, p. 76), a pesquisa em artes na academia deve ser aquela que acontece “na espessura do tempo e que preza pelo cultivo do estar na experiência da pesquisa que inclui a necessidade de pausa, do vagar, do silêncio, associados ao processo de construção de conhecimento”.

Abordar a pesquisa da arte da dança é tratar com objetos cujas dinâmicas oscilantes entre regularidade e irregularidade nos presentificam a complexidade do vir a ser. É trabalhar no cultivo e na construção de conhecimento corporificado, metafórico, teórico do/no corpo dançante instável, afetado, processual (RIBEIRO, 2013, p. 80).

Sendo assim, esta pesquisa configura-se pela criação de uma vídeodança realizada na disciplina de “Laboratório de técnica, criação e performance em dança II”, ministrada pelo Professor Doutor Flávio Campos.

4. CORPO-PAUSA

Além dos desafios que o ano de 2020 trouxe para todos nós, nesse momento me atento aos desafios que enfrentei durante o processo criativo para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Em meio a um ano turbulento, não posso dizer que fazer o TCC foi tarefa fácil. Desta vez a criação da cena foi permeada por faltas e vazios, por mais que tivesse consciência das possibilidades de repertório que existem em meu corpo.

Estar em isolamento social neste ano atípico trouxe a vontade de um maior recolhimento. Eu que sempre mantive o corpo ativo e fazia práticas de dança quase que diariamente, senti uma necessidade de pausar, e viver um momento de suspensão. Os dias passavam, e minha energia criativa parecia diminuir aos poucos, e junto as expectativas de um TCC criado coletivamente, também diminuía.

Em meio as frustrações por não conseguir nem movimentar meu corpo, passei muitos momentos de medo e solidão, ainda sem entender exatamente o que me causava estes sentimentos.

Inspirar-se isolada. Criar sozinha.

Perguntei-me muitas vezes porque não conseguia construir a cena do meu trabalho de conclusão de curso. Neste momento consigo chegar em algumas, das muitas respostas possíveis. Entendo que a convivência e a troca com outros seres, são o combustível para criação. As relações, as afetações constantes, o compartilhar, tocar e ser tocada, o preencher com outros corpos no mesmo espaço, mesmo que em silêncio, nutrem e dão inspiração para minha criatividade fluir.

Criar dança, fazer arte, fluir em vida, relacionar-se.

5. VIDEODANÇA

O processo de construção das cenas criadas para a finalização da disciplina de “Laboratório de técnica, criação e performance em dança II”, abriram espaço para diversos questionamentos, principalmente sobre as diferentes faces do processo de criação.

Iniciamos o primeiro semestre do ano de 2020, tendo encontros quinzenais de forma online com a turma para orientação. Nos encontros o professor e orientador Flávio Campos contribuía com indicações nos processos de cada aluno, dando ênfase na importância de nossas vontades e desejos em relação ao trabalho final. Flávio propôs alguns procedimentos de criação como disparadores para nossos exercícios diários, levando em conta o momento incomum que vivíamos, de isolamento social.

Nesse cenário, seguimos tendo encontros com a turma, e surgiu a possibilidade de fazermos o trabalho final de forma individual. A partir disso, começamos os encontros em grupo e também individuais com o orientador. Nesse momento percebi que nossos processos, que antes se cruzavam de maneira mais direta, passaram a ficar mais solitários.

Desde o início do ano, eu tinha criado muitas expectativas em relação ao TCC, ao processo coletivo, a troca com a turma, aulas, criações em conjunto. Acredito que lidar com a frustração de não poder fazer este trabalho como tinha idealizado, acabou tornando tudo mais desafiador.

No final do primeiro semestre, quando enviamos o pretexto para a pré-banca, uma das tarefas que o Flávio propôs foi fazermos um vídeo como resposta para os pareceres que tínhamos recebido. Para essa resposta em vídeo, escolhi dançar com um vestido que minha vó fez há mais de 30 anos. O vestido acabou sendo, além de um elemento importante na cena, um estímulo para os movimentos e ideias fluírem.

As ideias para a cena surgiram a partir de experimentações com alguns elementos propostos pelo orientador, entre eles estava o vestido amarelo. A partir desta relação que criei com o vestido, outros elementos foram surgindo, e o trabalho final começou a ganhar corpo.

Esta vídeodança surgiu a partir da minha inquietação no momento de isolamento. Como criar? Como me inspirar? Como me nutrir? Como resgatar o movimento? Essas foram questões muito presentes em todo meu processo de criação até chegar na vídeodança “Entre caminhos e presenças”.

A escolha das cenas foi de uma forma bem intuitiva, por estar me sentindo limitada principalmente em relação a criação cênica. A partir dessa sensação de paralisia, fiz um paralelo com a Residência Artística vivenciada em 2018, de alguma maneira senti a necessidade de resgatar a potência criativa vivida com tanta facilidade durante o mês da imersão.

Retomar, refazer, recriar, ressignificar.

5.1. Entre caminhos e presenças

Acredito que um dos maiores aprendizados deste processo tenha sido pensar em cada detalhe do vídeo, além da montagem das cenas.

Escolhi gravar na garagem do centro de convenções da UFSM, local onde foi a imersão da residência artística com Eddie. Gravamos em um dia chuvoso com vento frio, vento que acabou aparecendo do vídeo através da trilha sonora. Todos os elementos escolhidos têm muito significado, e representam os caminhos, as presenças e os vazios que me acompanharam principalmente no processo de criação.

O vídeo foi gravado e produzido pelo Marcos Oliveira, que teve um olhar atento e minucioso para meu trabalho. E a trilha sonora construída pelo Ronaldo Palma, que com muita sensibilidade e cuidado, criou os sons em cima das cenas já gravadas.

O trabalho foi dirigido por mim, com assistência cênica da Pâmela Ferreira na gravação das cenas. Pâmela que é também minha professora, colega e amiga, trouxe não só no dia da gravação, como em outros, muitas contribuições para este trabalho.

Contudo, dividi a vídeodança em 4 partes, sendo elas:

- 1ª Parte: remete a toda a minha história, a trajetória desse corpo-memória;
- 2ª Parte: ao meu vazio, minhas faltas e a minha solidão;

- 3ª Parte: visto a companhia dos meus afetos e sinto-me acolhida por eles que me nutrem;

- 4ª Parte: finalizo a minha vídeodança com todas as memórias e lembranças que me abarcam nessa trajetória, do devir desse corpo-memória que foi, que é e que está presente em mim.

5.2. Primeira parte da vídeodança

Envolta de retalhos e fios, apresento-me parada, com o olhar longe. Visto esses fios emaranhados que representam as histórias, as memórias e as trajetórias que me constituem. Fios invisíveis existentes em mim, os caminhos que percorri, as afetações e as experiências. Linhas que dão fluxo, continuidade, encontram-se e desencontram-se, percorrem todas as partes do meu corpo. Elas estão todas aqui, mesmo que invisíveis.

Emaranhado de histórias vivas, não só minhas como das mulheres da minha família. Gerações que deixaram legado, marcam meu corpo e minha dança.

Como eu consigo existir no mundo sempre me transformando, tirando camadas, descobrindo outras partes.

Na Figura 5, trago a cena que me relaciono com este emaranhado, reconheço-me e olho atenta. Sinto e ouço a história.

Figura 5 - Envolta na minha trajetória



Gravação da vídeodança, dezembro de 2020. Foto: Marcos Oliveira.

Acima, na Figura 5, compreendo que os fios também representam meu cabelo, danço e brinco com estes fios que se interligam, movimentos aumentam e tornam-se infinitos.

5.3. Segunda parte da vídeodança

Momento do vazio, falta e solidão.

Figura 6, mostro a cena da 2ª parte da vídeodança. Tremo porque paraliso, porque com todas as possibilidades, o sentimento mais presente nesse processo foi o de inércia, ainda que tudo estivesse acontecendo dentro de mim.

Figura 6 - Vazios, medos e inseguranças



Gravação da vídeodança, dezembro de 2020. Foto: Gustavo Dorneles.

Acima, na Figura 6, sinto inquietação pela falta, pela necessidade de relacionar-me.

5.4. Terceira parte da vídeodança

Na Figura 7, sendo a 3ª parte da vídeodança, eu pego o vestido e visto-o, caminho em direção ao mato. Visto a companhia, sinto-me acolhida pelas presenças que me nutrem.

Figura 7 - Compreensão do meu corpo-memória



Gravação da vídeodança, dezembro de 2020. Foto: Gustavo Dorneles.

Nessa 3ª parte, representada pela Figura 7, percebo a necessidade de me afetar pelo outro. Conectada comigo e com o todo. Sigo na direção da constante transformação.

5.5. Quarta parte da vídeodança

A 4ª e última parte da vídeodança, representada pela Figura 8, encontro-me com as memórias que carrego comigo. Entendo que elas também fazem presença, e me acompanham. Trajetórias percorridas, todas as suas partes tornam o que sou hoje. As linhas, marcas, experiências e caminhos, fazem história em meu corpo. Já não sou mais o que era antes, todos os dias me modifico.

Figura 8 - Memórias presentes



Gravação da vídeodança, dezembro de 2020. Foto: Gustavo Dorneles.

Nessa última parte, representada pela Figura 8, entendo a importância de olhar para minha história de forma atenta e presente. Sem essa presença eu desapareço. Busco e sou o relacionar constante. Não ando só. Presença invisível permanece.

6. CONCLUSÃO

Para a finalização desse trabalho, trago o meu cartaz de divulgação (demonstrado abaixo na Figura 9) e o link da minha vídeodança.

Figura 9 - Cartaz de divulgação



Imagem do cartaz de divulgação, data dezembro de 2020. Foto: Bruna Bergamo.

Na Figura 9, trago o cartaz de divulgação da vídeodança, a qual foi lançada/apresentada no meu canal do YouTube no dia 22/12/2020 às 20hs.

Como resultado desse processo, deixo o link da minha vídeodança: <https://www.youtube.com/watch?v=8W-kcUvfhI4&t=51s>.

Poema

Quando me visto, me dispo
Reconheço-me
O buscar incessante
A necessidade de entrar nas profundezas
Deste corpo que
Pulsa história
Cavo as terras de mim
A fim de encontrar
Aquele que
Sou eu.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FERNANDES, C. ***Pina Bausch e o wuppertal dança-teatro - repetição e transformação.*** 3. ed. São Paulo: Ed. ANNABLUME, 2017. 280p;

RIBEIRO, M. Pesquisa em dança: processos e travessias. **Revista Dança**, Salvador, ano 2013, p 73-86, jan./jun. de 2013. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/7184/6039>>.

Acesso em: 22 set. 2020. ISSN: 2317-3777;

TAVARES, R. **O que me move, de Pina Bausch e outros textos sobre dança-teatro.** 1. ed. São Paulo: LiberArs, 2017. 94p.